



ESTADOS UNIDOS

Uma cidade em luto

Em choque, Nova Orleans começa a se despedir das 14 vítimas do atentado terrorista de quarta-feira. Amigo de jovem assassinada relata ao **Correio** os instantes de horror na primeira madrugada do ano. FBI teme a ação de imitadores

» RODRIGO CRAVEIRO

Famosa pelo Mardi Gras — uma festa semelhante ao carnaval — e por ser conhecida como o berço do jazz, uma enlutada Nova Orleans tenta entender as falhas de segurança que levaram a um massacre na madrugada do primeiro dia do ano. Em meio à dor, amigos e familiares rendem homenagens às 14 vítimas atropeladas pela caminhonete branca conduzida pelo ex-militar Shamsud Din Jabbar, 42 anos. Na Bourbon Street, um memorial com flores, velas, fotos e mensagens virou ponto de peregrinação.

Na próxima segunda-feira, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, visitará a cidade para “compartilhar a dor das pessoas em luto” pelo atentado terrorista. “O povo de Nova Orleans enviou uma mensagem inequívoca: eles não permitirão que este ataque, esta ideologia delirante, nos derrote”, declarou Biden, que estará acompanhado pela esposa, Jill Biden, e se reunirá com autoridades locais e familiares das vítimas, que tinham entre 21 e 63 anos.

Às 3h15 (6h15 em Brasília) de quarta-feira, Zion Malaki Parsons, 18 anos, comemorava a chegada de 2025 com a amiga Nikyra Cheyenne Dedeaux e a prima Mori, ambas da mesma idade. “Nós estávamos na entrada do Desire Oyster Bar, na Bourbon Street, a duas quadras da esquina com a Canal Street. De repente, houve um clima de comoção e berros altos, vindos atrás de mim. Virei a cabeça e tive a visão ofuscada por faróis. Rapidamente saltei para a calçada e entrei no bar. Infelizmente, minha melhor amiga, Nikyra, correu na direção oposta e saiu para a rua. Isso fez com que ela fosse atingida pela caminhonete”, contou ao **Correio**. Ele não viu o condutor.

Zion acredita que Nikyra morreu instantaneamente. “Com base nas imagens de câmeras de segurança da Bourbon Street, presumo que ela tenha morrido no impacto da caminhonete. Então, ela partiu em paz. Nikyra era uma mulher pequena, tinha apenas 1,70m e não mais do que 50kg”, afirmou. Em sua página no Facebook, Zion escreveu que Nikyra tinha a vida inteira pela frente. “Ela estava a caminho da universidade, em duas semanas, e planejava ter o seu primeiro apartamento em breve. (...) Saber que

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Amigos se abraçam diante de memorial instalado na Bourbon Street, em tributo às vítimas do atentado de 1º de janeiro

Arquivo pessoal



Zion Parsons (E), 18 anos, presenciou a morte da melhor amiga, Nikyra Dedeaux (D), de mesma idade, no atentado de 1º de janeiro: “Ela partiu em paz”

isso poderia ter sido evitado e pensar que talvez eu pudesse ter feito um pouco mais para impedir me machuca tanto. (...) Voe alto, Nikyra”, desabafou.

A imprensa norte-americana trouxe os rostos da tragédia, ao divulgar os perfis de algumas vítimas. Kareem Badawi, estudante da Universidade do Alabama

e jogador de futebol americano, foi sepultado ontem. Belal Badawi anunciou a morte do filho, nas redes sociais, horas depois do atentado. “É com imensa tristeza e pesar, e com o coração satisfeito pela decisão de Alá e o destino, que anuncio a morte do meu filho, Kareem Badawi, que morreu hoje (quarta-feira) pela

Arquivo pessoal



manhã como resultado do trágico acidente em Nova Orleans”, escreveu no Facebook. “Pedimos a Alá, o Todo-Poderoso, que derame sua misericórdia sobre ele e nos dê paciência e força.”

Kimberly Usher Fall criou uma página na internet para arrecadar fundos e custear o sepultamento da amiga e funcionária

Nicole Perez, uma das vítimas. Aos 27 anos, Nicole deixou um filho de cinco. “Ela era tão linda e cheia de vida”, lamentou. “Eu espero obter alguma ajuda para as custas do enterro e para ajudar o filho dela com gastos que precisará para a transição a uma nova situação de vida.”

O FBI (polícia federal dos

Estados Unidos) concluiu que Din Jabbar agiu sem a ajuda de cúmplices e se inspirou no Estado Islâmico. As autoridades não escondem a preocupação de ataques de atropelamento por parte de imitadores do ex-militar. “Tais atentados, provavelmente, continuarão atraentes para aspirantes a agressores, dada a facilidade de aquisição dos veículos e o baixo nível de habilidade necessário para conduzi-los”, advertiu um boletim emitido pelo FBI para as agências de segurança dos EUA.

A Câmara Municipal de Nova Orleans iniciou uma investigação sobre eventuais falhas de segurança voltada a prevenir eventuais ameaças. Outra testemunha da tragédia, Nicole Mower, turista de Iowa, não se recorda de ter visto qualquer barreira de metal fixa para a contenção de carros, exceto cavaletes instalados nas ruas. “Eu não as notei, mas não estava necessariamente de olho nelas antes do incidente”, explicou ao **Correio**. “Vi a caminhonete atingindo as pessoas brevemente, depois que eu e meu marido (Jim) nos escondemos em uma alcova, na calçada. Viaturas da polícia e esses cavaletes de madeira foram usados como barreiras.”

O casal viu os corpos de cinco ou seis vítimas, que teriam morrido imediatamente. Questionada pela reportagem sobre se percebeu qualquer falha de segurança naquela madrugada, Nicole disse que a polícia e os socorristas fizeram tudo ao seu alcance para neutralizar uma situação bastante volátil. “Acho que as precauções foram razoáveis, com base nas medidas percebidas.”

Las Vegas

Matthew Alan Liversberger, o militar das forças especiais do Exército que morreu na explosão de um Cybertruck, em frente ao Trump International Hotel, em Las Vegas, na quarta-feira, escreveu mensagens no celular sobre “queixas políticas e domésticas”. Spencer Evans, agente especial encarregado da Divisão de Las Vegas do FBI, declarou que o incidente parecia ser “um caso trágico de suicídio envolvendo um veterano de combate altamente condecorado que estava lutando contra o transtorno do estresse pós-traumático e outros problemas”.

Líder eleito da Câmara promete deportar ilegais

Roberto Schmidt/AFP



Vamos começar a defender as fronteiras da nossa nação. (...) Acabaremos de construir o muro na fronteira (com o México)

Mike Johnson (C), presidente da Câmara dos Representantes

A 17 dias da posse, o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, conseguiu a primeira vitória política para levar diante seus planos de governo. O republicano Mike Johnson, aliado do magnata, foi reeleito líder da Câmara dos Representantes, e prometeu “agir com rapidez”. “Vamos começar a defender as fronteiras da nossa nação”, declarou, em discurso após sua eleição.

“Em coordenação com o presidente Trump, este Congresso dará a nossos agentes de fronteiras e imigração os recursos de que precisamos para fazerem seu trabalho. Vamos deportar estrangeiros ilegais perigosos e criminosos, e finalmente acabaremos de construir o muro na fronteira” com o México, acrescentou.

Johnson parecia ter perdido na primeira votação, quando três republicanos votaram em

» Sentença com data marcada

O juiz de Nova York que preside o caso por pagamentos encobertos à ex-atriz pornô Stormy Daniels contra o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, marcou a leitura da sentença para 10 de janeiro, 10 dias antes da volta do magnata à Casa Branca. O magistrado Juan Merchan também disse que não está inclinado a impor uma pena de prisão ao republicano.

outro candidato, mas dois deles acabaram mudando o voto e o apoiaram. A votação confirmou a influência de Trump no Congresso, mas também ressaltou as dificuldades que significa ter uma pequena maioria de apenas cinco votos na Câmara baixa do Congresso.

Em sua rede Truth Social, Trump, que anteriormente havia desejado boa sorte a Johnson, o cumprimentou pela vitória depois da votação. “Nosso país será o beneficiado”, declarou. Os americanos “esperaram quatro anos por bom senso, força e

liderança. Agora, terão. E os Estados Unidos serão maiores do que nunca!”, acrescentou. Johnson também contava com o apoio de Elon Musk, dono da rede X, muito influente desde que se tornou homem de confiança de Trump.

Certificação

Essa votação era essencial porque a Câmara dos Representantes precisava de um presidente para poder certificar a vitória eleitoral de Trump. Os republicanos têm uma maioria estreita de 219 assentos contra os 215 dos democratas e

Johnson precisava que todos menos um votassem nele. Advogado, Johnson, de 52 anos, chegou ao cargo em 2023 depois de um golpe palaciano que paralisou a Câmara dos Representantes durante semanas. Mas alguns membros de seu partido o consideram muito consensual e brando em relação aos cortes de gastos.

“Podem me arrancar todas as unhas, me espetar com bambu, podem começar a cortar meus dedos: não vou votar em Mike Johnson”, disse o mais indignado de todos, o republicano Thomas Massie, ao canal conservador OAN. No fim das contas, ele foi o único que se opôs.

Em maio, 11 republicanos votaram a favor de destituir Johnson depois que ele causou revolta na ala trumpista, ao levar à Câmara um enorme pacote de ajuda à Ucrânia. Daquela vez, os democratas o salvaram. Como era esperado, eles votaram com seu líder.